

TED GRAY
o estrangulador de Pittsburgh

Sammy Anderson

TED GRAY
o estrangulador de Pittsburgh



Anderson, Sammy, 1971-

Ted Gray: o estrangulador de Pittsburgh / Sammy Anderson. –
1ª ed. – Joinville : Clube de Autores, 2017.
157 p. ; 21 cm.

ISBN 978-85-924102-0-9

1. Romance brasileiro. I. Título.

CDD-869.93

TED GRAY

Copyright © 2017 SAMMY ANDERSON

Imagem de capa: *Gabriel Lavarini*

Proibida a reprodução parcial ou total desta obra, por qualquer
processo, sem autorização por escrito da autora.

Impresso no Brasil – *Printed in Brazil*

AVISO: Os fatos não presenciados pela autora foram livremente recriados por ela. No entanto, isso não compromete o caráter documental desta obra. Além disso, optou-se por dar nomes fictícios aos personagens desta história, com o intuito de não causar constrangimento às pessoas reais aqui retratadas.

Ao Dr. Jack E. Hobsbawn.
(In memoriam)

O COMEÇO DO FIM

Em sua penúltima carta, o estrangulador de Pittsburgh declarava que a “caçada” tinha chegado ao fim, que o jogo de gato e rato tinha acabado. Afirmava que muitas pessoas desejaram ver sua face naqueles vinte anos; mas, ironizava, só puderam fazer isso as privilegiadas que estavam sob sete palmos ou que “viraram cinzas e foram jogadas ao vento”. Dizia também: “É hora de o artista se manifestar. Subir ao palco. Tirar a máscara. E receber os aplausos”. Defendia que suas vítimas seriam eternamente gratas a ele, pois fizera delas “protagonistas desta insípida comédia chamada vida”. Terminava sua carta com a seguinte afirmação: “Antes de cair o pano, uma última flor será iluminada com minha luz radiante”. E, como na maioria das cartas anteriores, assinava: ESTRANGULADOR DE PITTSBURGH.

Naquela carta enviada pelo estrangulador de Pittsburgh, como também em dezenas de outras que circularam pela mídia durante quase vinte anos em que o mesmo aterrorizara a cidade e fizera com que inúmeras mulheres tivessem medo de existir, ficava bem claro que o assassino buscava a fama. Muitas de suas cartas, escritas em caixa alta, eram enviadas tanto para a polícia quanto para a imprensa e nunca apresentaram suas digitais. A penúltima, em particular, tinha sido enviada apenas à imprensa, o que causou mais um grande surto de terror em Pittsburgh, uma cidade no sudoeste do estado da Pensilvânia, Estados Unidos, muito conhecida pe-

la valorização da arte e da cultura, com uma população de aproximadamente trezentos e quarenta mil habitantes em 1998.

A educação na cidade de Pittsburgh é extremamente valorizada. Os professores de suas escolas públicas são bem remunerados em relação às outras cidades do país. No entanto, o sistema municipal de ensino acaba sendo equivalente, em números, ao sistema católico de ensino da cidade. Portanto, fica evidente a força da religião no local. O ensino superior também é bastante importante ali. A Universidade de Pittsburgh destaca-se pela Faculdade de Medicina.

Durante quase vinte anos, os seus moradores viveram a ameaça daquele que chamaram de “estrangulador de Pittsburgh”, um psicopata e *serial killer* que estrangulava mulheres e zombava da polícia, incapaz de descobrir a identidade do assassino durante todos aqueles anos. E pior, o estrangulador, em suas famosas cartas, muitas vezes avisava com antecedência que faria outra vítima, para depois zombar da ineficiência da polícia.

Ele era um psicopata em busca de fama, que gostava de ter poder sobre as pessoas, de ser celebridade. No início, não assinava suas cartas. Mas quando recebera a alcunha macabra, passara a rematá-las com a sua assinatura: ESTRANGULADOR DE PITTSBURG. Essas cartas à polícia e à mídia eram esperadas com certa ansiedade pela população, que acompanhava aquele drama com certa expectativa, o que o assassino logo percebera e, por isso, começara a relaci-

onar as próprias ações a um grande espetáculo teatral. Surgiram até teorias exageradas de que era um ator de Hollywood que matava em Pittsburgh. Não estavam de todo erradas, já que o assassino era um ator frustrado, que participava de várias peças em Pittsburgh, mas sem nenhum reconhecimento. Aliás, tentara a vida em Los Angeles, mas sem sucesso.

Diante da penúltima carta do criminoso, a cidade entrou de novo em estado de alerta. As mulheres tinham medo de sair de casa e evitavam andar sozinhas. Eram protegidas por pais, maridos, irmãos, amigos ou namorados. Era o que acontecia em Pittsburgh naquele verão de 1998. Muitas feministas protestaram contra essa tendência de achar que as mulheres dependiam da proteção de um homem para não serem agredidas, os mesmos homens que as agrediam durante séculos. Aliás, o estrangulador era um homem, talvez isso dissesse alguma coisa. No entanto, teorias existiram de que ele era na verdade uma estranguladora, uma mulher mais forte do que o comum. A principal defesa dessa ideia era o fato de que só uma mulher poderia odiar tanto outra mulher. E as feministas rebatiam o argumento e diziam que o ódio do homem pela mulher era ancestral, a sede de poder masculino nunca permitiria a igualdade entre os gêneros. O estrangulador de Pittsburgh era só um reflexo disso. Mas, discussões políticas à parte, havia uma preocupação maior para as mulheres da cidade: sobreviver.

Os detetives responsáveis pelo caso havia oito anos eram Jack Rice e Peter O'Connel. Os dois outros detetives

anteriores tinham fracassado. Um deles, Terence Bean, morrera havia oito anos. Então, o outro, Dennis Reynolds, fora afastado definitivamente do caso. A impunidade do estrangulador era um vexame para a polícia de Pittsburgh. Assim, por quase vinte anos, tanto a polícia quanto a cidade foram alvos da crítica e zombaria da imprensa do país.

Quanto ao fluxo humano da cidade, algo interessante ocorrera desde que começaram os assassinatos perpetrados pelo *serial killer*. A princípio, muitos moradores mudaram-se para outras cidades do país. Os imóveis acabaram ficando desvalorizados por um tempo. Mas, depois de dez anos, tudo mudara. Os turistas invadiram Pittsburgh, o dinheiro começara a entrar, a economia fortalecera-se, a riqueza voltara à cidade. Havia até mesmo bonequinhos do estrangulador de Pittsburgh, com caras, raças e tamanhos variados, que eram vendidos nas lojas, e também uma bonequinha musculosa, a “estranguladora de Pittsburgh”, para aqueles que sustentavam tal teoria. Mas, invariavelmente, todos tinham mãos grandes. A tragédia de Pittsburgh era também sua redenção. A cidade prosperava a olhos vistos. As pessoas, doentiamente, idolatravam o estrangulador. No entanto, havia um memorial em frente à prefeitura da cidade em homenagem às vítimas do assassino. No memorial, porém, como em uma brincadeira de mau gosto, tinha sido deixado espaço a ser preenchido com os nomes das próximas vítimas.

A última carta do estrangulador de Pittsburgh foi encaminhada a uma rede de televisão nacional, com a exigência

de leitura em horário nobre. Do contrário, o psicopata não se entregaria. Na carta, ele dizia que já tinha a sua última vítima, que ela estava presa, à espera do “derradeiro sacrifício”. Filmaria a cena final daquela “peça cômica”, e aquela rede de televisão teria exclusividade na exibição da mesma.

Com efeito, no dia seguinte, a rede de televisão e de rádio NBC recebeu uma fita cassete, com o seguinte e sinistro conteúdo. Em um quarto de motel americano, havia uma mulher com os braços abertos e as mãos amarradas por duas cordas finas, cada uma presa a uma das extremidades da cama. As pernas também estavam abertas e amarradas da mesma forma. Sobre a boca da mulher, uma fita adesiva amordaçava-a. O estrangulador filmou cada detalhe, aproximou a câmera do rosto da vítima, que chorava. O pavor em seus olhos era evidente. Ela sabia que ele era o estrangulador de Pittsburgh e que aqueles eram seus últimos momentos de vida. Então ele posicionou a câmera a distância. Teve o cuidado de não mostrar o próprio rosto para o aparelho. Ajeitou as roupas da mulher, como se não a quisesse desarrumada. Em seguida, cobriu-a, com um lençol branco, até o pescoço. Como a mulher ficou muito agitada, ele deu-lhe um forte tapa no rosto, o que a fez aquietar-se. Ajeitou os cabelos dela, que grudavam no suor da testa. Colocou uma das mãos abertas sobre o nariz da vítima, para sentir-lhe a respiração. E depois, lentamente, enlaçou-lhe o pescoço com as duas mãos e apertou-o até a vida ser extinta daquele corpo. Tirou a mordaça da mulher. Aproximou a câmera ao rosto dela,

marcado pelo horror da morte. Depois saiu do quarto, fechou a porta e mostrou o número dele. Em seguida, filmou o nome do motel.

A polícia encaminhou-se às pressas para o motel e encontrou a vítima da mesma forma que esta fora mostrada no final do pequeno filme macabro. O estrangulador não estava no quarto. Naquele momento, os repórteres da NBC já chegavam ao motel, como fora exigido pelo estrangulador. Curiosos em torno havia muitos, e qualquer um deles poderia ser o assassino.

O repórter Cliver Jones estava sentindo-se frustrado pela ausência do criminoso no local, quando um homem louro, de olhos azuis e sorriso sedutor, aproximou-se e, educadamente, pediu para falar com ele.

— Você tem notícias sobre o estrangulador de Pittsburgh? — perguntou o repórter.

O homem estendeu a mão e apresentou-se:

— *Nice to meet you*, sou o estrangulador de Pittsburgh.

O repórter, apesar de surpreso, não perdeu tempo. Começou a fazer perguntas, enquanto o homem, sorridente e calmo, respondia a todas elas.

A polícia percebeu aquela movimentação. E, enquanto o estrangulador dizia por que estava se entregando, foi preso ao vivo.

Os detetives tiveram imensa dificuldade em entrar com o assassino no prédio da polícia de Pittsburgh, pois a multidão estava disposta a linchá-lo. Mas não podemos nos es-

quecer daqueles que estavam ali porque tinham admiração por ele.

A cobertura da imprensa foi incessante naquele dia. E o que mais se ouvia eram mulheres entrevistadas que duvidavam de que aquele homem fosse o monstro que aterrorizara a cidade por tantos anos. Só podia haver um engano, ele era bonito demais, um homem assim não poderia ser um assassino cruel.

Deu muita audiência a entrevista dada pela mulher do estrangulador, que defendia o marido, já que não conseguia acreditar que o homem por quem se apaixonara e com quem dividira parte de sua vida fosse um *serial killer*.

A entrevista que ela deu à NBC será reproduzida, em parte, a seguir.

CLIVER JONES: Mrs. Gray, a senhora afirma que não sabia que seu marido era o estrangulador de Pittsburgh?

AMANDA GRAY: Meu marido não é o estrangulador de Pittsburgh, há um terrível engano em tudo isso.

CLIVER JONES: Ele confessou, Mrs. Gray.

AMANDA GRAY: Devem tê-lo torturado.

CLIVER JONES: Na América, não há tortura.

AMANDA GRAY: Ted é um homem bom. Um ótimo marido e pai exemplar. Seria incapaz de fazer mal a uma mosca.

CLIVER JONES: Como se conheceram, Mrs. Gray?

AMANDA GRAY: Éramos adolescentes e estudávamos na mesma escola, onde eu fazia parte de um grupo de orações,

pois sempre fui muito devota a Deus, enquanto ele, um rapaz meio tímido, buscava um lugar ao sol num grupo de teatro dessa escola.

CLIVER JONES: Quando se casaram?

AMANDA GRAY: Faz dezessete anos, foi em 1981.

CLIVER JONES: A senhora sabia que o estrangulador de Pittsburgh fez sua primeira vítima em 1980?

AMANDA GRAY: Sim, sabia.

CLIVER JONES: E o que a faz lembrar-se desse fato?

AMANDA GRAY: Ora, a mídia noticia esse fato o tempo inteiro.

CLIVER JONES: Mas sabemos que há outro motivo para que se lembre disso, não é, Mrs. Gray?

AMANDA GRAY: Foi só uma coincidência.

CLIVER JONES: O que foi uma coincidência, Mrs. Gray?

AMANDA GRAY: Jessica Horn era a minha melhor amiga. Eu sempre lhe dizia para ela ser mais recatada, para não chamar tanto a atenção dos homens. Mas Jessica era rebelde, saía com qualquer um, queria se punir por alguma coisa.

CLIVER JONES: Está tentando justificar o ato de seu marido, Mrs. Gray?

AMANDA GRAY: Meu marido não é um assassino. Por que vocês não entendem isso?

CLIVER JONES: Não é verdade que Jessica Horn rejeitou seu marido várias vezes antes de ele se interessar pela senhora?

AMANDA GRAY: Jessica não era mulher para o Ted.

CLIVER JONES: A senhora é?

AMANDA GRAY: Sou uma mulher honesta.

CLIVER JONES: Jessica Horn não era?

AMANDA GRAY: Ela estava perdida, não sabia dar valor aos homens.

CLIVER JONES: E por isso foi morta?

AMANDA GRAY: Eu não disse isso.

CLIVER JONES: Mrs. Gray, vou insistir. A senhora sabia que seu marido era o estrangulador de Pittsburgh?

AMANDA GRAY: Meu marido não é um assassino.

Sem a possibilidade de filmar o estrangulador de Pittsburgh, que, nesses primeiros dias, ficou incomunicável, a imprensa decidiu focar-se em seus familiares. Essa exposição gerou o ódio da população, que não conseguia dissociar o assassino de sua esposa e filhos.

Discutiu-se muito sobre a participação de Amanda Gray nos assassinatos do marido. Todos achavam inacreditável que uma esposa não soubesse do caráter e das ações de seu próprio marido. Amanda Gray e seus filhos precisaram mudar-se de Pittsburgh, pois passaram a ser ameaçados por habitantes da cidade.

Amanda Gray manteve seu estado de negação por alguns meses. Mesmo depois de visitar o marido e ouvir dele a confissão dos assassinatos, ainda não podia aceitar que fora incapaz de ver a verdade, que vivera até então uma vida de mentiras. Precisou de tempo para digerir os fatos e aceitar a

realidade.